

- 1-Reinaldo Moura
- 2- Meio de Semana
- 3- Correio do Povo
- 4- Crônica sobre literatura moderna
- 5- Porto Alegre
- 6- 2 de fevereiro de 1950
- 7- número 105
- 8- seção - Arte e literatura
- 9- bom
- 10- Amélia Ester
- 11- 12 de maio de 1994

D3a 009-50

MEIO DE SEMANA
(Especial para o Correio do Povo - Reinaldo Moura)

Há uma literatura experimental que está preocupando não poucos escritores dêste instante . Sem dúvida , diante do panorama imenso do que se edita em todo o mundo no terreno da ficção , esses escritores de novas tentativas pensam que não vale a pena repetir , quase sempre com palavras semelhantes , os mesmos dramas e as mesmas situações que desde o inicio do mundo fazem a matéria de consumo dos romances. Essas tentativas de buscar o novo, o inédito, o imprevisto, certamente não começaram agora, com as manifestações mais audaciosas dêsses exploradores dos mundos ainda inviolados do espirito humano. Se contemplarmos o espetáculo estendido da literatura morta ao longo do tempo, isto é, da literatura sem atualidade cronologica, mas que não raro permanece mais viva e interessante que todas as novidades do momento, se examinarmos êsse panorama recuado e que já é historico, veremos que essa aspiração, inconsciente ou desejada propositalmente, de renovar os metodos tão antigos da narrativa, já se fazia sentir há muito tempo. Para não ir buscar

exemplos muito recuados, e que por isso mesmo se esfumam em seus detalhes mais vivos, vamos citar o caso de Marcel Proust tão vivamente novo e imprevisto, escrevendo de maneira tão fora do habitual, que mesmo um "Gide" recusou-se a aceitar êsse espêssô nevoeiro, essa floresta mágica de imagens, substância diferente e rica, feita de palavras mas suficientemente profunda para durar e fascinar. Mesmo Gide com toda a sua grandeza de espirito capaz de aceitar o insolito e o diferente, deixou-se dominar pelas forças cegas de sua própria tradição pessoal, e recusou em nome do editor parisiense os originais de Proust, um desconhecido que procurava editôres para publicar as suas recuperações do tempo perdido. Êsse caso é pelo menos, o mais frisante, o de importancia mais característica nesse sentido. Havia outros, sem dúvida, todos se lembram de Mallarmé, dos simbolistas, depois dos entusiastas de escolas mais recentes de todos os inovadores ou que se pretendiam tal. Entre nós apareceu uma Clarice Lispector, com um sucesso enorme nos dois primeiros livros. E a pergunta que se faz todo interessado em literatura, é esta: vale a pena escrever ainda naqueles moldes de sempre? Não será chegado o momento de dar alguma coisa nova, de dizer de um outro jeito as mesmas coisas que estão fermentando dentro de nós? Acontece porém que isso de fazer coisa nova às vezes, como no terreno literário, equivalerá a criar uma outra língua, e, pois, a se isolar na auto contemplação das próprias exigencias e conquistas. Quem escreve, escreve para que outros leiam, ou pelo menos, saibam que ele escreve...isso não importa. O caso da poesia moderna, levado ao exagêro, é mais ou menos êsse.

T 0233

(3)

REY
CLI 0279
SIST. 59180

O hermetismo que se inutiliza, que não valia a pena ter nascido, pois que, fora do autor que o concebeu, mais ninguém o entende. O valor está em fazer de tal jeito que a coisa nova participe da tradição verbal, no que esta têm de mais rico. Foi esse o caso de Proust. Mas mesmo assim um grande espírito não pôde compreendê-lo logo à primeira vista...